

MEMÓRIAS

Porque se matou Mousinho de Albuquerque — O paço das Necessidades depois da revolução

DOIS ESPECTROS.

Ao cair da tarde do dia 8 de Janeiro de 1902. Mousinho de Albuquerque chamou à tipoia fechada do Manuel Ferrador e, ao passar em frente da quinta das Laranjeiras, meteu uma bala nos miolos. Quem o viu um pouco antes julgou-o despreocupado. Esteve no Ferin a pedir livros, e chegou a comprar um romance francês. Sorria — diz um. E outro viu-o «levemente excitado escrevendo cartas no Turf», que meteu no bolso, deitando-as ao correio no alto da Avenida ou em Sete Rios, no ponto em que a estrada se cruza com a de Campolide. Mas estas observações são de superfície. É a máscara. O seu estado de alma só se define com uma palavra — horror. Havia meses que as trevas se iam acumulando sobre o seu espírito, e afinal condensaram-se. Quando no Ferin pedia um romance qualquer, um romance banal, estranhava e desconhecia o som da sua própria voz. Há momentos trágicos na vida em que falamos numa banalidade e só pensamos na morte: os homens a nossa roda movem-se num plano diferente, e até as coisas se nos afiguram fantasmáticas. «Brusco, nervoso, irrequieto, só conquista inimigos, antipatias, más vontades» — afirma outro. Agora entendo. Chegara ao estado de dizer:

— Se algum jornalista me belisca tanto como uma unha, saio-lhe ao caminho e atravesso-o como um cão.

O seu desalento era mortal. Alguem que o viu de perto, na véspera do suicídio, disse-me textualmente: — Houve um momento em que os seus olhos me pareceram de morto. — Porquê? Porque olhava e já não via. — Foi talvez nesse momento que êle viu a inutilidade do heroísmo e então decidiu, sem uma hesitação, suicidar-se. Para êle a morte era o menos. Para a morte marchára como para o kraal do Gungunhana.

A sua morte fez uma grande impressão. Todos se lançaram nas mais controversas conjecturas sobre os motivos que haviam dado origem a tal alucinação — estilo de jornal. Amôr? Mistério? desespero? A rainha esteve com a esposa de Mousinho das dez horas até à meia noite. Uma delirava, a outra chorava comovida. A morte, dizem os médicos, tinha sido instantânea.

Mousinho de Albuquerque suicidou-se porque não pôde desempenhar neste país um grande papel político. Trouxe da Africa o sonho desmedido dum Portugal maior, e julgou encontrar no paço e no rei o apoio necessário para o realizar. Deparou com os políticos, a côrte, a força obstinada e cega da mediocridade e da inércia. Havia de acabar dominado pelos homens, que não são santos nem heróis. Foi a realidade que lhe fracturou o crâneo, por incapacidade de se submeter à mentira do paço e da vida.

— No paço todos me tratam bem — dizia êle — A rainha faz-me a honra de ser muito minha amiga, mas o meu meio não é aquê. Se as circunstâncias apparecerem, safo-me outra vez para a Africa ou para a India.

Chegamos ao nó da acção. Mousinho era um soldado, com o sonho duma pátria a realizar. Se o pudesse resolver com um destes golpes de decisão e de audácia em que se joga o destino e a vida, e que exigem exaltação e ao mesmo tempo serenidade, Mousinho tinha subjugado os acontecimentos e os homens. Caiu num meio em que o triunfo só se alcança com astúcia, em que os nervos se gastam num esforço de todos os dias, em que o cérebro se há de por força amoldar à mediocridade alheia. Em que é preciso fingir, sorrir e calcular cada passo no chão movediço. Dum lado a mentira e a fórmula, do outro um orgulho desmedido, uma decisão rápida e um grande sonho de glória. A morte de Mousinho está explicada neste descabro dum criador de heroísmo incompreendido e inutilizado. Um dia no Central encontra Junqueiro e pede-lhe para almoçar à mesma mesa. Fala do rei:

— ...Preguntará então o sr. Junqueiro porque é que o sirvo. Porque calhou. Qualquer dia morro

por êle aí a uma esquina — porque a revolução é inevitável — mas desprezo-o.

O drama é sempre o mesmo. Quem pudesse contá-lo, e hora a hora anotar o grito interior de todos os dias, que se não traduz em palavras nem gestos, o gastar dum sonho ao contacto com as pequenas coisas da vida, que são as que afinal dominam! Para vencer é preciso ser-se mediocre. Um herói não pôde ser um político. Os heróis ou os santos só em momentos excepcionais é que são compreendidos pelos homens vulgares. Nunca ninguém foi menos apto para a política e para a intriga do que Mousinho. Um amigo dizia dêle:

— Êste Mousinho desde que veio da Africa tomou a peito a sua demolição.

Cheio de desprezo pelos homens, muitas vezes repetia:

— Isto faz pena! isto faz pena!

O 2.º Pitt, por exemplo, arcou com a tempestade napoleónica e com as intrigas da côrte fútil, com o maior drama do século passado e com o rei imbecil e versátil. Usou-se até ao fio e morreu virgem e pobre. Mas para isto é preciso uma persistência de aço, ser assiduo, não ter espinhaço. Gastar a vida em futilidades. Pensar ao mesmo tempo e com obstinação num sonho e nas modas da côrte. Ora Mousinho era principalmente um soldado. Mais duma vez o rei o repreendeu por o ouvir dizer mal dos políticos. Mais duma vez a rainha o salvou de despedido como um criado. Vêem-no agora amarfanhado, entre o desespero e a banalidade, sujeitando-se já a governar com o José Luciano (Alpoim), e compreendendo que a sua vida, a sua glória, o seu destino, seriam inúteis? Ia descer. Tinha de descer ou de morrer. Viu cara a cara a realidade e foi então que decidiu matar-se.

— Qual é o seu ideal? — perguntou-lhe uma senhora.

E Mousinho respondeu-lhe logo:

— Morrer a tempo.

Escreveu várias cartas na véspera e no dia do suicídio. Diz-se que uma personagem, misteriosamente, ao fechar do caixão, lhe foi meter um masso de papeis entre a farda e o peito do lado do coração. Não sei se isto é verdade, nem me importo. O que teria importância para mim e para a história, era descobrir se realmente Mousinho escreveu uma carta antes de se matar dirigida ao rei D. Carlos. Esta carta foi negada, mas alguém que o podia fazer (mais tarde me referirei largamente ao caso) me asseverou um dia que a carta foi escrita e recebida. Melhor: que a carta existia. Existe? Se existe, é um documento importante para a história contemporânea, porque foi ela sem dúvida que originou a mudança de atitude

de D. Carlos e até talvez a sua morte. D. Carlos foi, até certa altura da vida, como todos sabem, indiferente às quadrilhas políticas. Deixou-as à larga. Viveu com elas. Só muito tarde se modificou. Porquê? Com medo aos republicanos? Ou, não de chofre mas lentamente, como é natural, as palavras de Mousinho fôram influindo no seu espírito? Essas dez ou doze folhas de papel, escritas na exaltação da morte, com a alma ferida e o sonho espesinhado; essas palavras naturalmente ativas, naturalmente grandes e sinceras, deviam calar no ânimo do rei. Quis arredá-las e esquecê-las, mas ficaram-lhe impressas na memória até ao dia em que caiu no Terreiro do Paço varado pelas balas. O fantasma da república foi o último golpe, mas o primeiro deu-o Mousinho. Anos depois o rei provoca o seu destino. Seria o espectro do herói que o arrastou à catástrofe e ao tumulto?

DEPOIS DA REVOLUÇÃO.

Cinco de Dezembro.—Visito o paço das Necessidades, e a minha primeira impressão é que qualquer Centeno tem uma casa como esta. Já tiraram, é certo, das paredes os quadros célebres, mas o resto está intacto como no dia da fuga. Algumas notas rápidas: escritório da rainha em damasco vermelho — biblioteca género império — outra sala, a de receber — o quarto de cama, onde o leito, com um docel de veludo verde, reclama a atenção, um leito a fingir Luís XV, com meninos pintados por Columbano aos pés e uma coroa na cabeceira, flores de lis, chagas de Christo. A um dos lados uma piazi-nha de água benta de faiança. Outra sala: na *chaise longue* está ainda impresso o corpo da rainha. Abro a gaveta dum móvel: dentro aguarelas de D. Carlos. Duas portas dão acesso, uma para o cubículo onde dormia a creada, outra para o modesto gabinete de *toilette*, sem ar nem luz. Bato com os pés, quasi caído, de encontro a um cofre atirado para o chão e brutalmente arrombado pelas costas, para lhe tirarem os papeis. Há uma coisa insistente nos aposentos da rainha, exposta sobre as mesas, em evidência nas *étagères* e espalhada com profusão por todos os cantos: são os porcos de porcelana, de bronze, de prata, de cobre, de chumbo e até de barro — *porte-bonheur*, que só lhe trouxeram desgraça. Abertas na estante do piano, duas músicas: *Melodia de Gounod* e *The Moore and Burgen*. Fôram as últimas que tocou. A sala de recepção, império, tem lindas coisas, Sevres preciosos, um magnífico espelho partido pelas balas e uma mobília falsificada por um ferro-velho. Os aposentos do rei abrem pelo escritório. Cá estão ainda os últimos bilhetes de saudações] fervorosas: remexo-lhes,

veem-me às mãos os cartões e entre eles um mais duro, de metal, e leio S. Luís de Braga. Uma bala arrancou um pedaço da madeira da estante onde os livros se alinham correctos e muito bem encadernados, oferecidos por este e por aquêle — tanta palavra, tanta dedicação, tanta mentira. — Aqui antes do escritório está o cubículo onde dormia o creado — apontam-me. — Não me interessa. O que me interessa é o quarto de colegial do rei, com a sua cama de dourados entre a cabeceira e a cómoda. Que lia o D. Manuel? Êstes dois livros que estão ainda sobre a mesinha, *Le culte de l'incompétence* de Faguet e *L'Etui de nacre*, de Anatole. Na parede, sobre a cabeceira, dois crucifixos entre folhagens secas: buxo, ramos bentos, palmas. Encostada à parede uma cómoda Luís XV magnífica, e, em cima da cómoda, três bonecos de papelão, Eduardo VII, Soveral, e um marinheiro inglês. A roupa da cama revolvada, numa poltrona de marroquim a inútil farda de generalíssimo. Adeante... Adeante é o lavatório, com frascinhos, unguentos, cosméticos e escovas de cabelo. Uma tina, um espelhinho barato. O creado leva-me por um corredor pintado de vermelho e diz-me baixinho: — Não havia ninguém melhor do que êle. — E a rainha? — Responde-me alto: — Essa não gostava nada dos portugueses.

Vejam os agora o aparato: atravesso uma sala, outra sala, com magníficos contadores, quadros, porcelanas, e detenho-me um instante na de jantar, êsse escândalo, como por aí se espalhou (152 contos): branco e oiro com aparadores de carpinteiro, figuras de anjinhos no alto das portas e uma mesa de banquete de tábuas de pinho. O branco amarelece, o oiro destinge. Há aqui duas ou três coisas admiráveis: são os *panneaux*. Abro a custo a porta envidraçada. Fora no terraço abandonado revolteiam as folhas que o vento leva pelos ares ou junta ao lume de água na taça que trouxeram de Queluz. Um pedaço de ceu fúnebre entre muros: a lufada traz as folhas para dentro da sala doirada onde os architectos ganharam contos de réis.

Abro outra janela. Já não me importa a sala do trono nem esta mescla de vida íntima e de vida devassada por toda a gente. Sim, toda a gente remexeu nas gavetas e nos cofres, leu os papeis e as cartas, toda a gente viu as roupas da rainha e as suas meias com *pontos*, toda a gente soube que santos D. Manuel tinha à cabeceira da cama e que bentinhos usava ao pescoço... A lufada arrasta as folhas para a sala enorme e vazia, e um instante vejo-as rodopiar na dança incessante das folhas e dos homens, até que se somem de vez no esgôto, no negrume, na morte.

RAÚL BRANDÃO